

Relações Brasil-Argentina: a cooperação cultural como um novo elemento de reflexão historiográfica (1930-1954)

Raquel Paz dos Santos *

Resumo:

O estudo desenvolve uma nova perspectiva das relações Brasil-Argentina a partir da análise das relações culturais entre os anos de 1930-1954. A peculiaridade deste estudo é que contesta, indiscutivelmente, o paradigma da rivalidade e se refere à participação de diferentes grupos sociais nas diversas formas de intercâmbio cultural. No decorrer do período aludido, intelectuais, artistas, empresários, estudantes, professores, trabalhadores, etc., participaram da elaboração, do financiamento e da execução de inúmeros projetos de cooperação cultural com o país vizinho. Nesse momento, percebeu-se que a cooperação seria fundamental para o desenvolvimento e o progresso da Argentina e do Brasil. Portanto, trazia grandes benefícios para ambas sociedades.

Palavras-chave: diplomacia - cooperação - cultura

Abstract:

This study put forth a new perspective of the Brazil-Argentina relations' analyzing the cultural connections from 1930 to 1954. The singularity of this study is to dispute, undoubtedly, the paradigm of antagonism between Argentineans and Brazilians and to the participation of different social groups in different kinds of cultural exchange. During this specific period, intellectuals, artists, entrepreneurs, students, teachers, workers, and so on, took part in the planning, financing and execution of many projects of cultural cooperation with the neighbor country. At that time, it was realized that the cooperation would be essential for the development and progress of Argentina and Brazil. Therefore, it was source of great advantages to both societies.

Keywords: diplomacy – cooperation - culture

* Doutora em História (UFF) / Pesquisadora Associada ao Laboratório Tempo Presente (TEMPO/UFRJ).

Introdução:

O meu estudo apresenta uma nova reflexão sobre as relações Brasil-Argentina a partir da análise das relações culturais entre os anos de 1930-1954¹, numa tentativa de promover uma aproximação cultural entre os dois países através de projetos de cooperação intelectual, científica e artística, visando desfazer imagens negativas e criar um sentimento de fraternidade entre brasileiros e argentinos.

A análise das relações culturais reforça a revisão do paradigma realista, uma vez que torna evidente não ser o Estado o ator exclusivo nas relações internacionais, o que permite identificar o complexo trânsito simbólico entre duas sociedades. Nesse contexto, ganha destaque o papel desenvolvido pela sociedade civil que, ora participou dos projetos culturais desenvolvidos pela diplomacia argentina e brasileira, atendendo assim aos interesses dos respectivos Estados, ora exerceu sua ação cultural de forma espontânea no país vizinho, de acordo com seus objetivos, coincidentes ou não com os de seus governos. Procuo demonstrar que esses diversos grupos sociais não assumiram uma postura passiva diante da política cultural externa, pois não somente se posicionaram frente à mesma como também influenciaram diretamente sua formulação, como foi o caso de setores da intelectualidade.

Para analisar o imaginário coletivo da época busco estudar não apenas as atividades da diplomacia e dos intelectuais, como também as manifestações culturais e artísticas em seu conjunto, como os encontros científicos, os intercâmbios e traduções editoriais, as exposições artísticas, a imprensa através de artigos de jornais e revistas e a iconografia encontrada nesses periódicos, entre outros dados. A relação e articulação dessas fontes me permitiram reconstruir as imagens recíprocas e sua influência sobre ambas as sociedades. Este novo olhar sobre as relações argentino-brasileiras traz novas interpretações sobre a historiografia, permitindo fazer uma crítica à recorrente imagem da rivalidade tão enfatizada por vários estudos do período aludido.

A escolha do recorte cronológico 1930 a 1954 se deve ao fato de que, embora durante este período não tenha cessado a disputa pela hegemonia no continente sul-americano, os governos do Brasil e da Argentina, em muitos momentos, também desenvolveram políticas de aproximação

¹ Este trabalho faz parte da pesquisa que desenvolvi em minha tese doutorado sobre as representações do Brasil e da Argentina no contexto das relações diplomáticas entre os anos de 1930 a 1954.

cultural, procurando estreitar as relações entre os dois países.

Nesse contexto, o ponto inicial da cooperação cultural entre Argentina e Brasil foram os acordos e convênios entre os presidentes Augustín Justo e Getúlio Vargas, firmados entre as visitas presidenciais de 1933 e 1935. Posteriormente, esses acordos e convênios foram ratificados e outros, de mesma natureza, foram assinados ao longo dos anos 40 e 50. Além disso, toda uma estrutura foi montada – como a criação de instituições para difusão cultural no exterior, convocação e seleção de intelectuais e especialistas em diversas áreas para promoção do intercâmbio, liberação de recursos financeiros, etc. -, pelos governos de ambos os países para viabilizar e executar diferentes projetos de cooperação cultural.

Apresento, a seguir, algumas das principais formas pelas quais se realizou o intercâmbio cultural entre Argentina e Brasil.

I. Os Institutos Culturais

Uma medida importante foi à criação dos Institutos Culturais. Nos anos 30, foram fundados em Buenos Aires e no Rio de Janeiro, espalhando-se por outras cidades argentinas e brasileiras como Rosário, Córdoba, Porto Alegre e São Paulo. Tal fato demarcou um novo momento de aproximação entre os dois países e, por sua vez, uma nova fase na história de suas relações. A dimensão cultural passou a fazer parte de ambas as agendas, sendo concebida como um elemento fundamental para a execução dos objetivos políticos e econômicos.

Dentre as atribuições dos institutos, as principais eram representar, ante as autoridades competentes, a conveniência de acentuar nos ensinamentos geral, normal ou comercial melhor conhecimento da geografia e da história do Brasil e da Argentina, desde a proclamação da República até o presente. O incentivo também se estendia ao ensino da língua e da literatura de ambos os países, além de outros estudos sobre sua produção científica, comercial e industrial. Para estimular o turismo, se promoveria à preparação de cursos breves de idioma e vocabulários elementares para o uso do viajante.

Uma característica relevante dos institutos culturais era o fato gozarem de autonomia formal, reforçando a idéia de que os intelectuais que apoiaram a política externa dos governos brasileiro ou argentino em prol de uma aproximação cultural com o país vizinho não foram manipulados pelo Estado, mas apoiaram suas políticas nessa área porque tinham afinidades com as idéias que as regiam. Portanto, a adesão da intelectualidade a essa diretriz política foi

4

espontânea e, por outro lado, também interessada, pois, através dela, poderiam obter os recursos financeiros e operacionais que não dispunham para desenvolver seus projetos.

Os monumentos à fraternidade argentino-brasileira foi uma outra iniciativa cultural importante dos Institutos para reforçar o sentimento de amizade e cooperação. Em Buenos Aires, um busto em homenagem a “Tiradentes” foi inaugurado em 1946. Em São Paulo, um busto de “Bernadino Rivadavia” foi criado em 1945, em homenagem ao centenário do seu nascimento.

Todas essas atividades desenvolvidas pelos Institutos Culturais, além da organização de congressos, seminários, concursos literários, de monografias, de biografias, missões culturais, e de mostras de livros, cinema, música, arte, teatro, entre outras, revelam a importância fundamental dessas instituições na difusão e no fomento de atividades de cooperação cultural entre Argentina e Brasil. Essas atividades envolviam a participação não apenas políticos e intelectuais vinculados ao Estado, mas também de vários setores da sociedade civil, inclusive a iniciativa privada que, em vários momentos, contribuiu na propaganda e com recursos financeiros durante a realização dos diversos projetos culturais entre os dois países.

II. Empreendimentos editoriais

Os governos de Justo e Vargas criaram políticas para promoção de empreendimentos editoriais entre Argentina e Brasil através da tradução de autores do Espanhol e do Português. Paralelamente, a efervescência intelectual do período em torno do americanismo estimulou as relações literárias e editoriais entre ambos os países. De acordo com Gustavo Sorá², na Argentina o ano de 1937 emergia como mais fecundo dessas relações, quando foram criadas a *Biblioteca de Novelistas Brasileños*, da Editorial Claridad e a *Biblioteca Autores Brasileños Traducidos al Castellano*, editada pelo *Ministerio da Justicia e Instrucción Pública*. Ambas marcariam a fundação, em paralelo, dos parâmetros fundamentais para a circulação da cultura escrita nas sociedades nacionais.

No Brasil, em paralelo a essa política editorial argentina, saiu a *Coleção Brasileira de Autores Argentinos*. A Comissão Revisora brasileira foi presidida por Pedro Calmon, um

² SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Zorzal, 2003.

5

historiador tão prestigiado quanto Ricardo Levene, que dirigiu a Comissão argentina. De acordo com Sorá, no plano das idéias e no plano editorial, ambos os conjuntos de livros devem ser compreendidos como espécies oficiais de um gênero de coleções de ensaios de interpretação das realidades nacionais. A coleção iniciou-se em 1938 e terminou em 1951, totalizando nove volumes traduzidos por J. Paulo de Medeyros.

Outros empreendimentos editoriais que contou com apoio estatal foram às exposições de livros argentinos e brasileiros no exterior, em especial nos países sul-americanos.

III. O papel das artes

O intercâmbio artístico é outro capítulo relevante na história das relações culturais entre Brasil e Argentina no período sob estudo, impulsionado, em grande medida, pelos acordos bilaterais no campo cultural. O expressivo fluxo de escultores, pintores, literatos, músicos, atores, etc., entre os dois países marcou um momento de descoberta do “outro” até então quase desconhecido.

Ao traçar um panorama da vida e da obra de alguns dos principais pintores brasileiros contemporâneos que haviam recentemente exposto seus quadros na Argentina, considerando a importância deles, o interventor do *Museo Nacional de Bellas Artes de Buenos Aires*, Jorge Romero Brest, elogiou a iniciativa do diretor do *Museo de Bellas Artes de La Plata*, o pintor argentino Emilio Pettoruti, pela realização de exposições de obras de 20 desses artistas na sua cidade, entre os dias 2 a 19 de agosto de 1945, e, em seguida, em Buenos Aires, de 25 de agosto a 7 de setembro.

Brest afirmou que a pintura brasileira era bem distinta da argentina, até em seus aspectos técnicos – o que não se podia estranhar, uma vez que a técnica verdadeira somente era o instrumento da alma – porque expressava uma realidade diferente, em seus aspectos materiais, de natureza e condição humana e na sua formação espiritual por meio do jogo de “influências estranhas”.

A concepção de um diálogo curioso e interessado entre duas identidades culturais distintas – a argentina e a brasileira – permeavam o espírito da época de maior tolerância e compreensão com outra sociedade. No campo artístico, essas trocas de experiências foram vistas como positivas, pois contribuiriam para um enriquecimento mútuo, além de possibilitar ao grande público ter acesso a essa outra realidade.

IV. O pan-americanismo escolar

O intercâmbio escolar foi um outro aspecto expressivo na aproximação cultural da Argentina e do Brasil, que contou com uma ampla participação de professores e alunos dos dois países. Esse fluxo contínuo, entre os anos 30 a 50, estimulou a criação de inúmeras delegações, escolas em homenagem a ambos os países, concursos de redação e de poesia, concessão de bolsas de estudo a fim de desenvolver pesquisas sobre o país vizinho e até mesmo a implementação de uma proposta pedagógica inovadora, com o objetivo de estimular o sentimento de fraternidade continental nos alunos em relação aos demais países americanos – especialmente, entre argentinos e brasileiros.

Tratava-se do pan-americanismo escolar que, tanto na Argentina como no Brasil, havia se iniciado nos anos 20, através de políticas educacionais. Em 1922, o *Consejo Nacional de Educación* argentino, através de um decreto, designou as escolas de Buenos Aires com o nome das seguintes repúblicas latino-americanas: Estados Unidos do Brasil, Bolívia, Chile, Colômbia, Cuba, Costa Rica, Dominicana, Equador, Guatemala, Haiti, Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Peru, Panamá, São Salvador, Oriental do Uruguai e Venezuela.

No Brasil, surge com Carneiro Leão, diretor geral da Instrução Pública do Rio de Janeiro (1922-1926). Ele iniciou uma série de homenagens aos países americanos, nomeando vinte escolas com seus nomes. Esperava-se que essas escolas contribuíssem para a criação de um sentimento de união, de solidariedade e de cooperação continental em defesa da liberdade. A administração de Fernando de Azevedo (1927-1930) deu continuidade a essa prática.

Entretanto, assim como o nacionalismo, o pan-americanismo assumiu uma projeção maior na década de 1930, sobretudo na gestão de Anísio Teixeira na Secretaria de Educação do Distrito Federal (1931-1935). As escolas criadas homenagearam os seguintes países latino-americanos: Honduras, México, Nicarágua, Paraguai, Venezuela e Argentina³. Atualmente, essas escolas são administradas pela Prefeitura do Rio de Janeiro. Porém, sua proposta pedagógica foi desvinculada do projeto original.

Mesmo interrompendo o seu trabalho, em 1935, quando pediu demissão de seu cargo devido a pressões políticas – estava sendo acusado de participar da revolta comunista liderada

³ *Guia das Escolas de Anísio Teixeira*. Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2006.

7

por Luis Carlos Prestes –, Anísio Teixeira implantou uma proposta pedagógica inovadora – relacionada ao movimento “escolanovista” –, nas escolas fundadas durante a sua gestão, o que contribuiu para o processo de modernização cultural pelo qual passava a capital carioca.

Dessa forma, através das escolas “brasileiras” e das “argentinas” procurou-se criar um sentimento de fraternidade entre os alunos, professores e demais membros da comunidade escolar em relação ao país vizinho. Contudo, a descontinuidade dessas políticas, em função das constantes oscilações nas relações bilaterais, comprometeu o desenvolvimento dessa prática pedagógica.

V. Intercâmbio intelectual e científico

A cooperação entre os médicos argentinos e brasileiros foi a mais intensa do período sob estudo. Dessa forma, o intercâmbio entre as Academias Nacionais de Medicina de Buenos Aires e do Rio de Janeiro era um bom exemplo de como essa parceria poderia trazer resultados profícuos para ambas as sociedades. Essa cooperação científica já era tradicional entre os dois países, ocorrendo desde o século XIX. Os graves problemas de saúde pública traziam sérias dificuldades no relacionamento comercial e político de ambos os governos. Por esse motivo, fazia-se necessário encontrar soluções conjuntas para a manutenção de um bom entendimento entre essas economias complementares. Além desse intercâmbio, outras formas de cooperação ocorreram no campo industrial, comercial, educacional e até mesmo no militar ⁴.

No Brasil, essa estrutura de relações culturais interamericanas foi organizada a partir do Itamaraty, Ministério da Educação e do DIP. O principal veículo de difusão da intelectualidade latino-americana no país foi o “Pensamento da América”, suplemento do jornal *A Manhã*. Essa seção teve uma publicação regular de agosto de 1941 a fevereiro de 1948. Divulgava, em suas páginas, tudo o que fosse relativo ao “espírito pan-americano”. Através do suplemento, os leitores brasileiros poderiam ter acesso a artigos sobre literatura, música, história, artes plásticas, política, folclore, dança, geografia, urbanismo. Em suma, toda espécie de atividades culturais provenientes do continente americano.

Na Argentina, o intercâmbio intercontinental era realizado, principalmente, pela *Comisión de Cooperación Intelectual*, vinculada ao Ministério das Relações Exteriores.

⁴ Em várias cartas de embaixadores, artigos de jornais, encontrei informações sobre visitas de estudantes aos colégios militares e missões de cooperação de militar entre Argentina e Brasil.

8

Também foi assinada uma série de convênios e acordos culturais com países do continente. Obviamente, tais acordos foram muito maiores e mais amplos com os países de língua espanhola, se os compararmos com os feitos com o Brasil.

Os setores da intelectualidade críticos a esses governos tentaram deslegitimar suas ações, tanto na esfera política quanto na cultural. Contudo, também promoveram o intercâmbio entre os dois países. Um exemplo bem significativo foi o dos intelectuais brasileiros que se exilaram em Buenos Aires devido à repressão do Estado Novo – como Jorge Amado e Monteiro Lobato. Durante sua estadia na capital portenha, aproximaram-se dos intelectuais e do mercado editorial argentino e publicaram suas obras em espanhol.

Do lado argentino, Victoria Ocampo e outros intelectuais contrários ao peronismo usaram a literatura como uma forma de resistência e mantiveram um constante diálogo com a intelectualidade brasileira e de outras partes do continente, conforme atestam as contribuições de Jorge Luis Borges em jornais brasileiros, como o suplemento “Pensamento da América”.

VI. Intercâmbio sindical: trabalhadores como agentes das políticas de aproximação

Procurando reforçar a ideologia de seu regime, Perón conferiu um novo papel importante aos trabalhadores: o de adido operário. Dessa forma, esse segmento tornou-se um relevante agente na aproximação política e cultural entre o regime e os demais países do continente. Nesse contexto, cabe assinalar que o justicialismo argentino encontrou expressiva acolhida no trabalhismo brasileiro - grande parte das lideranças sindicais, como também o Ministro do Trabalho João Goulart, além de outros políticos, intelectuais e outros grupos da sociedade civil, apoiaram ou participaram diretamente do intercâmbio sindical.

Considerações Finais:

Finalizando, concluo que o grande e contínuo fluxo de intercâmbios entre Brasil e Argentina no decorrer dos anos de 30 e 50, com alguns períodos de refluxo - em decorrência das tensões e conflitos devido às divergências ideológicas e disputas políticas e econômicas entre os dois países -, promoveu uma grande mobilização de atores estatais, não-estatais com uma ativa e expressiva participação de vários grupos da sociedade civil. Tal fato revela que esses processos de cooperação cultural contribuíram para a desmistificação do “outro” – o argentino ou o brasileiro – que passaram a compreender melhor seus valores, crenças e tradições, o que os

levaram a questionar o imaginário da rivalidade entre os dois países.

Referências Bibliográficas:

BREST, Jorge Romero. *La pintura brasileña contemporánea*. Buenos Aires.: Editorial Poseidon, 1945.

CAPELATO, Maria Helena Rolim. Modernismo latino-americano e construção de identidades através da pintura. *Revista de História*. 153 (2º - 2005).

CERVO, Amado Luis. *Relações Internacionais da América Latina: velhos e novos paradigmas*. Brasília: IBRI, 2001.

FREYRE, Gilberto. *Americanidade e latinidade da América Latina e outros textos afins* (org. Edson Nery da Fonseca). Brasília: Ed. da UNB, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2003.

Guia das Escolas de Anísio Teixeira. Centro de Referência da Educação Pública da Cidade do Rio de Janeiro. Prefeitura do Rio de Janeiro, 2006.

HISRT, Mônica. *Vargas-Peron y las relaciones Brasil-Argentina*. Buenos Aires: Flacso. Noviembre, 1985.

IRIYE, Akira. Culture and International History. In: HOGAN, Michel J. e PARTESON, Thomas G. *Explaining the History of American Foreign Relations*. EUA: Cambridge, 1998, pp. 214-225.

LESSA, Mônica Leite. Relações culturais internacionais. In: MENEZES, L. M., ROLLEMBERG, D. e FILHO, O M. (orgs.). *Olhares sobre o político: novos ângulos, novas perspectivas*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002, pp. 11-25.

PARADISO, José. *Um lugar no mundo: Argentina e a busca de identidade internacional*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005.

SALVATORE, Ricardo D. *Imágenes de un Imperio: Estados Unidos y las formas de representación de América Latina*. Buenos Aires: Sudamericana, 2006.

SORÁ, Gustavo. *Traducir el Brasil: una antropología de la circulación internacional de ideas*. Buenos Aires: Zorzal, 2003.